

CLIPPING IMPRESSO

14/08/2021



ÍNDICE

1. JORNAL ESTADO DO MARANHÃO	
1.1. DESEMBARGADOR	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA	2
2.2. CEMULHER	3

Falsas verdades

JOSÉ LUIZ ALMEIDA

Um dia desses, tive oportunidade de ouvir, numa emissora de rádio, uma entrevista com uma destacada pessoa do show business. Em determinado momento, o entrevistador pediu ao entrevistado estrelado que declinasse algo que tivesse feito e em razão do que teria se arrependido. Ela, a estrela, sem titubeio, respondeu o que já vi muitos afirmarem, sem constrangimento: "de tudo que vivi, só guardo arrependimento pelo que não fiz". Confesso que essa afirmação me deixou em estado de estupor, por não acreditar, francamente, que alguém tenha passado pela vida e não tenha se arrependido de nenhum ato praticado.

Estupefato, diante da insolente resposta apresentada, me imaginei sendo entrevistado e instado a responder à mesma indagação, para a qual só teria uma resposta definitiva, qual seja, de que, incontáveis vezes, me arrependi de alguma atitude, de alguma posição assumida, dentre as quais destacaria o meu maior erro: ter levado a vida muito a sério.

O certo é que, instado a refletir em face da entrevista, fiz, de súbito, uma brevíssima retrospectiva da minha vida, para concluir, sem dificuldades,

como acima anotado, ter cometido muitos erros, em razão dos quais me arrependo até os dias atuais, embora estes, nada obstante, tenham me orientado para as decisões futuras.

Penso, sinceramente, que só uma pessoa muito arrogante, ou insensível, ou do tipo que prefere o autoengano, que se imagina acima do bem e do mal, pode afirmar, por vaidade ou outro motivo qualquer, que tenha passado pela vida sem praticar qualquer ato em razão do qual tenha se arrependido.

Já tive a oportunidade de refletir, aqui mesmo, neste mesmo espaço, sobre a relevância de não se valorizar os falsos apotegmas, como o que me levou às reflexões que emolduro neste artigo, por traduzirem, na maioria das vezes, desde a minha compreensão, apenas uma perigosa autosuficiência, que se contrapõe à lógica da vida, uma agressão mesmo ao bom senso, à nossa condição de seres humanos.

Melhor mesmo, como tenho consignado nos meus escritos, é, com humildade, admitir os nossos erros, a nossa falibilidade, sabido que não se muda de vida, de conduta ou de comportamento, com empáfia, já que prepotência, arrogância, imodéstia ou insolência são péssimas conselheiras, ca-

pazes de enevoar a mente mais sã.

Ademais, é impossível viver sem errar, sem cair aqui e levantar acolá. É humano seguir por uma via equivocada, para, depois, constatado o equívoco, mudar de direção. Daí a minha conclusão de que os que dizem, sem nenhuma humildade, que só se arrependem do que não fizeram, de rigor, não se importam em parecer ridículos, ao tempo em que menosprezam a inteligência alheia.

Até onde a minha vista alcança, nenhum ser humano, desses iguais a nós, simples mortais, e ainda que tenha posição destacada na sociedade, passou pela vida sem cometer erros, conquanto possa, até, em razão deles, não ter se arrependido, por arrogância ou outro sentimento igualmente contestável.

Diferente de muitos, concluo, com humildade, que, passados os anos, tendo vivido a vida quase por inteiro, muitos foram os erros que cometi e em razão dos quais me arrependo; como arrependimento tenho, noutro giro, pelo que não fui capaz de realizar, por acomodação, preguiça, covardia ou qualquer outro motivo, a reafirmar a minha condição de gente.

É isso.

.....
Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão
blog: joseluizalmeida.com
E-mail: jose.luiz.almeida@globo.com

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua

acarloslua@folha.com.br



A tirania do capital

O Papa Francisco, em seus mais de oito anos de pontificado, tem falado sempre sobre a essência da boa e verdadeira política que tanto falta hoje ao mundo, para contrapor vícios de governantes que enfraquecem o ideal democrático.

O posicionamento do Pontífice sobre questões ligadas à democracia, justiça social, economia, meio ambiente e globalização tem gerado reações no mundo midiático, que faz pouco esforço para compreender suas reflexões.

Impõe-se a Francisco – primeiro Papa latino-americano, primeiro pontífice não europeu em mais de 1.200 anos e o primeiro Bispo de Roma jesuíta da história – o clichê pouco concentrado nos dogmas de fé, acusando ele de dedicar-se muito à denúncia dos males terrenos. Francisco é um Papa sensato e coerente. Suas críticas e argumentos têm sempre um fio condutor. Não é absurdo, por exemplo, ele dizer que a única força que agora parece governar o mundo é a busca do lucro, quando qualquer manifestação humana é submetida ao “deus dinheiro”. Na verdade, o poder da riqueza foge de todas as regras, expandindo-se sem controle, determinando muitas injustiças. Bilhões de seres humanos são lançados na miséria pelo egoísmo de poucos.

Todos sabem que o sistema econômico atual é uma gangrena que, mesmo maquiada, mais cedo ou mais tarde seu mau cheiro será sentido, com a fraude moral daqueles que ignoram os que estão em sofrimento. Quando se produz a bancarrota de um banco, imediatamente aparecem somas escandalosas para salvá-lo, mas quando se produz esta bancarrota da humanidade não há nem uma milésima parte para salvar os cidadãos que sofrem. Temos um sistema cruel que escraviza, fere, ameaça e abate os pobres como gado até onde o dinheiro quer. O terrorismo de base que emana do controle do dinheiro nos ameaça a todo instante com a tirania semeada na sociedade que alimenta a exclusão, a opressão, a desigualdade e a violência econômica e social, gerando cada vez mais miséria numa espiral que parece não acabar nunca.

Os governantes olham para aqueles que estão na miséria sem tocá-los, adotando um discurso repleto de eufemismos, mas sem fazer nada para resolver efetivamente os problemas sociais.

Esta atitude hipócrita expressa a ausência de compromisso com a sociedade. O desemprego é real, a violência é real, a corrupção é real, o esvaziamento da democracia é real.

Com o ecossistema destruído pela exploração selvagem dos recursos naturais e com uma paz ameaçada em sua raiz pelos mercadores de armas cada vez mais destrutivas, temos povos culturalmente

colonizados pelo pensamento único liberal e individualista. Que mal há em o Papa Francisco afirmar que a única origem desses males é a tirania do capital?

A questão não é ser contra o livre mercado, contra o capitalismo, mas sim ser contra seus excessos, principalmente no Brasil, que continua fazendo parte do “terceiro mundo”, como definia o saudoso jornalista maranhense Neiva Moreira, que por muito tempo cobriu o processo de desenvolvimento no Brasil e nos países latino-americanos como editor da revista “Cadernos do Terceiro Mundo”.

Ninguém vê com suspeita os empresários. O que não se admite é a especulação financeira, concorrência desleal, sonegação – estes sim comportamentos completamente indiferentes ao destino da sociedade. Denunciar a raiz humana da crise ecológica e pedir para parar o crescimento baseado na espoliação do planeta não é querer voltar ao tempo das cavernas.

Nenhuma visão cristã pode ser passiva ao ponto de não dizer que o mundo está à beira do suicídio e corre o risco de nele cair se não mudar decisivamente de rota e enfrentar os problemas ligados às mudanças climáticas, fruto do atual modelo de desenvolvimento.

Conflitos

No mundo real, percebemos que – para além da pandemia e dos conflitos sociais – temos um Brasil em desconstrução com os eventos traumáticos na política, num processo que cozinha em fogo baixo, diante de um Estado ineficiente e inoperante.

Violência

A violência que explode em linchamentos, chacinas e extermínios que se propagam no país é sintoma de uma chocante realidade que aparece para além do teatro do poder de Brasília, cujos atores esquecem que o poder deve ser exercido obedecendo ao povo e não mandando no povo.

Democracia

Não existe a possibilidade de democracia real num país onde os interesses particulares e oligárquicos sempre estão acima

do bem público com a secular submissão imposta às classes populares e humildes, forjada por uma instituição política colonial, imperial e falsamente republicana.

Desfecho

Vivemos um momento político crucial que pode ter dois desfechos opostos. Ou garantimos um grau de justiça superior, por meio de um esforço popular persistente ou nos enfraquecemos diante da reação autoritária que quer nos afundar em uma escuridão desconhecida.

Pandemia

Agora, temos a convicção de que todos somos igualmente humanos e de que não há humanos que sejam mais humanos do que outros. Ou seja, após a pandemia não haverá nova humanidade. Haverá humanos que, com a mesma condição, não serão melhores nem piores.

Cemulher completa 10 anos de atuação no combate à violência contra a mulher no Maranhão

O Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA) promoveu solenidade de comemoração pelos dez anos da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (Cemulher/TJMA), ontem (13), no auditório da Associação dos Magistrados do Maranhão – AMMA. Na oportunidade, houve entrega de placas para desembargadores e desembargadoras, magistradas,

magistrados, servidoras e servidores que prestaram serviços e atuaram no combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.

Foram homenageados, a primeira presidente da Cemulher, desembargadora Nelma Sarme, a desembargadora Ângela Maria Moraes Salazar e o atual presidente da Cemulher, desembargador Cleones Cunha.